

RESENHA DO LIVRO RELATO DE GUERRA EXTREMA

Yasmin Paes



Em seu livro publicado em 2012, “Relato de Guerra Extrema”, o Prof. Dr. Jonuel Gonçalves nos convida a explorar as entranhas da guerra em seu extremo. Uma aventura intragável e cruel que tem como destino a descoberta do derradeiro ser humano, aquele que em busca da sua sobrevivência nega sua humanidade.

Trata-se de um romance, uma narrativa que se passa em um “país que se fodeu” (sic). Cabe aqui um adendo: o país é, a partir desse momento, um ex-país. Nas palavras do autor, ele perdeu sua condição de país, não podendo receber essa denominação. O Estado perdeu a capacidade de deter o monopólio legítimo da força. Portanto, não há mais garantia da soberania interna, uma vez que dentro do próprio Estado outros grupos também possuem essa capacidade.

Assim, o ex-país encontra-se em meio ao completo caos. Uma guerra civil violentíssima e sangrenta o assola e é nesse contexto que acompanharemos a luta constante de dois grupos distintos, mas que, movidos pela insaciável vontade de viver, têm sua história escrita pelo Prof. Jonuel. No entanto, qual seria o preço a pagar pela continuação da vida em um ambiente tão hostil, que não poupa nenhuma alma de sua feroz agressão? O que é necessário fazer para sobreviver em meio à guer-

ra extrema? São as perguntas que logo vem à mente dos leitores ao se depararem com a obra.

O livro não nos informa o exato espaço e tempo em que a história é narrada, mas por algumas indicações do autor, pode-se concluir que se passa no século XXI. Assim, a tecnologia avançada das armas de destruição em massa enfrenta-se e combina-se com as mais primitivas armas. Na verdade, o material bélico utilizado não só denota o tempo em que estamos como também revela que a vontade de matar é sem limites. Ao lembrarmos o massacre de Ruanda em 1994 com números estratosféricos de baixas¹, a maioria por armas brancas – as mais rudimentares – notamos a capacidade de matança em série realizada por seres humanos. Uma carnificina que já foi experimentada em outras épocas.

O fictício ex-país perdeu seu status político, toda e qualquer base para que fosse reconhecido perante outros países. Tudo está fora do lugar: o governo, a economia, as forças armadas, nada mais é o que foi,

¹ O número de mortos estimado pela Organização das Nações Unidas é de 800.000. O Governo de Ruanda estima 1.071.000 mortos. Não há consenso a respeito do número de mortos, Agence France-Presse, 6 abr. 2004. (citado em http://en.wikipedia.org/wiki/Rwandan_Genocide)

as cidades sumiram do mapa, tudo perdeu o nome. O que enxergamos, através das palavras de Jonuel, é um emaranhado de grupos, organizados ou não, que se enfrentam violentamente em um conflito marcado pelo fundamentalismo e pela sede de poder.

Permeado pela desconfiança, o ambiente é ameaçador e turbulento, o ar está empestado pelo cheiro de morte. A quebra dos padrões sociais formais é tão visível que a selvageria e o instinto são as regras da vez; humanidade e racionalidade são para poucos. Talvez aí já estejamos entrando em uma definição razoável para a guerra extrema. O estopim do conflito é a ascensão de uma seita religiosa cristã – uma igreja fundamentalista – cujo fanatismo será difundido pelo território do ex-país; eles pregam morte aos infiéis e fazem sacrifícios em massa território afora. As forças governamentais desabam, inúmeras gangues e quadrilhas aterrorizam a população remanescente. O número de refugiados cresce nas fronteiras. Outro grupo religioso, dessa vez islâmico, também clamará por espaço na guerra. A afronta aos fundamentalistas se materializa através do agregado de militares em torno do general Ferraz, que se utiliza de métodos tão radicais quanto os dos fanáticos religiosos.

A estrutura narrativa do livro se organiza em três focos. Um primeiro relata a situação de guerra geral e seus episódios brutais dia-a-dia. Os outros dois focos narrativos serão resultados do primeiro. Um acompanhará um grupo de mulheres que sobreviveu a um estupro coletivo; as feridas psicológicas superam as físicas e elas serão capazes de negar seus princípios em busca da sobrevivência e da vingança. O outro é composto por um grupo heterogêneo de pessoas que formarão uma caravana. Liderados por dois médicos e dois jovens que relatam os acontecimentos da guerra em um “jornalzinho clandestino”, eles pretendem levar ajuda humanitária até a fronteira. Durante esse percurso, a caravana cresce. O jornalzinho se torna o embrião da resistência empreendida por eles. O encontro desses grupos tão diferentes, mas tão marcados, está destinado a produzir um fenômeno que irá salvar inúmeras vidas

em meio à guerra extrema.

Inspirado em algumas das vivências de Jonuel, o livro é um somatório de vários conflitos. “O impulso de escrever é como o impulso de se defender. Legítimo. Daí eu ter partido para somar vivências, recordações, visualizações, testemunhos diretos ouvidos, sentimentos, traumas, pesadelos, sonhos e, decidi que ia escrever algo com isso tudo, ambientado num país imaginário, soma de todos aqueles” relata Jonuel em seu artigo para o jornal “Algo a Dizer”².

O título “Relato de Guerra Extrema” decorre da afirmação de Clausewitz de que “a guerra é a subida aos extremos”.³ “O extremo vai muito além de guerras clássicas e se exprime com a introdução de ódios étnico-raciais e de fanatismos religiosos que muitas vezes são encobertos pela noção de ‘identidade’”, afirma o autor, “Isso faz com que esse tipo de guerra seja devastador ao extremo.”⁴

Nascido em Angola, Jonuel Gonçalves possui nacionalidade brasileira e é um árduo defensor dos direitos humanos. Teve experiências nos conflitos pró-independência de Angola contra o sistema colonial-racista. Já no pós-independência, o autor nos conta suas vivências: “A guerra tornou-se mais clássica, inserida no quadro da Guerra Fria. A experiência que esta fase nos passou e aparece no livro diz respeito aos riscos dos campos minados, engenhos colocados deliberadamente para matar ou mutilar, diz respeito a batalhas generalizadas em centros urbanos, como foram as batalhas de Luanda em 1975 e 1992.”⁵ Seu livro pode ser visto como uma mescla de diversos conflitos através de testemunhos que recebeu sobre o genocídio em Ruanda, a Guerra da Bósnia, os conflitos na Somália, em Serra

2 GONÇALVES, Jonuel. Relato de guerra ou endoidar mas não sozinho. 2012. Disponível em: <<http://algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MaterialID=755>>. Acesso em: 17 out. 2014.

3 GONÇALVES, Jonuel. Entrevista concedida ao Cosmopolítico. Rio de Janeiro, UFF, out. 2014.

4 Idem.

5 Idem.

Leoa, na Líbia e tantos outros lugares. Jonuel afirma em seu artigo que “na ponta de todas as armas desses conflitos está o conceito de identidade, droga alucinante”.

No entanto, em “Relato de Guerra Extrema” temos uma perda de identidade. Não existe um país, não há um sentimento nacional, porque tudo ruiu. O conceito de identidade se confunde com a emergência de diversos grupos que buscam a sobrevivência em seus próprios termos. Mas não nos esqueçamos de que as guerras religiosas voltaram à tona após o 11 de setembro de 2001. Em “Relato” o foco é o fundamentalismo religioso, que em parte dá lugar a esse conceito de identidade nacional perdido. Ademais, a identidade destruída com a guerra dá espaço para que ela se reconstrua através da vontade de viver, ou melhor, da arte de viver, enunciando Jean-Luc Godard em seu curta-metragem “Je Vous Salue, Sarajevo”⁶. Se na guerra extrema os seres humanos perdem sua humanidade, como recuperá-la? Afinal, segundo um líder congolês citado por Jonuel em seu artigo, os direitos humanos são a “diferença entre a sociedade humana e um zoológico”. A recuperação da humanidade dos personagens envolvidos na guerra extrema é o fenômeno mais espetacular do livro de Jonuel.

Com uma linguagem informal, por vezes vulgar com a incidência de muitas gírias e palavras de baixo calão, o autor reproduz o que ouviu nos teatros de conflito e nos convoca a sentir o calor da guerra, a sentir as balas zunindo e o medo se alastrando como um vírus mortal. Além disso, descrições minuciosas de assassinatos, mutilações e estupros em massa compõem o corpo da narrativa. Esses relatos não são postos em pauta em vão. Eles são instrumentos do autor para nos mostrar que o mundo nunca esteve isento de tantas crueldades e que elas estão ocorrendo atualmente. No Mali, na Nigéria, na Síria, na Ucrânia. O mundo está em guerra e não teve trégua desde o início

6 JE VOUS Salue, Sarajevo. Direção de Jean-Luc Godard. Intérpretes: Jean-Luc Godard. Roteiro: Jean-Luc Godard. Música: Arvo Pärt. França, 1993. (2 min.), son., color.

da Grande Guerra de 1914.

Além desse livro, Jonuel Gonçalves é autor de outro romance, “Café Gelado”, focando em personagens que circulam entre Brasil e África Austral. “Relato de Guerra Extrema” é um romance curto e teve duas edições: uma em Angola publicada pela editora Mayamba e outra no Brasil, publicada pela Garamond⁷. É um livro que está destinado aos leitores desejosos de sair de sua zona de conforto. Um livro com capítulos que incomodam e deixam o leitor incrédulo das palavras que lê. A reação ao terminar de lê-lo é mais bem expressa pela última fala do curta de Godard: “Quando é hora de fechar o livro, eu não terei arrependimentos. Eu vi tantos viverem tão mal, e tantos morrerem tão bem”.

7 GONÇALVES, Jonuel. Relato de Guerra Extrema. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 111 p. (Espaço & Tempo).